

*Janeiro a Março de 1897*

## PRISÃO DE READING

A Lord Alfred Douglas<sup>1</sup>

Caro Bosie,

Depois de muito ter esperado em vão, decidi-me a escrever-te, tanto para teu bem como para o meu, pois não gostaria de pensar que passei dois longos anos na prisão sem ter recebido uma única linha tua, tão-pouco notícias ou mensagens, a não ser aquelas que me causam dor.

<sup>1</sup> Esta longa carta não foi enviada de Reading, mas dada por Wilde a Robert Ross, no dia seguinte àquele em que deixou a prisão, o qual mandou passar duas cópias à máquina. Segundo o próprio Ross, este teria então mandado a Douglas, não o manuscrito original, conforme as instruções de Wilde, mas uma das cópias passadas à máquina, o que Douglas sempre negou ter recebido.

Em 1905 Ross publicou extractos que correspondiam a menos de metade da carta, sob o título *De Profundis*, e uma versão um pouco maior apareceu na *Collected Edition* de 1908. Em 1908 Ross ofereceu o manuscrito original ao Museu Britânico com a condição de que o seu acesso não fosse facultado a pessoa alguma dentro dos próximos cinquenta anos.

A nossa infeliz e lamentável amizade acabou por me trazer a ruína e a infâmia pública. Lembro-me contudo da nossa velha afeição e entristeço ao pensar que a falta de tolerância, a amargura e o desprezo irão ocupar o lugar do amor que existia no meu coração. E tu, no teu coração sentirás, assim o penso, que o facto de me escreveres enquanto estou na solidão da vida do cárcere é bem melhor que publicar as minhas cartas sem o meu consentimento, ou o dedicar-me poemas que não pedi, embora nunca se chegue a saber quais as palavras de dor ou paixão, remorso ou indiferença que venhas a escolher para me enviases como resposta ou apelo.

Não duvido que nesta carta, em que terei de escrever sobre a tua e a minha vida, sobre coisas amoráveis que se tornaram em amargura e sobre as amargas que poderão tornar-se em alegria, haverá muita coisa que irá ferir a tua vaidade no mais alto grau. Se assim for, relê a carta uma e outra vez até que a tua vaidade esteja morta. Se nela encontrares algo de que te sintas injustamente acusado, lembra-te de que devemos estar agradecidos por haver um erro de que possamos ser injustamente acusados. E se nela houver uma só passagem que te traga as lágrimas aos olhos, chora como chora-

A segunda cópia feita à máquina, em poder de Ross e eventualmente deixada em testamento a Vyvyan Holland, forneceu o texto para a «primeira versão completa e exacta» que o Sr. Holland publicou, de novo sob o título *De Profundis*, em 1949.

Evidentemente que todos acreditaram que a cópia feita à máquina e o manuscrito eram idênticos e que esta edição era na verdade completa e exacta. Mas na realidade não era nem uma nem outra coisa. Continha várias centenas de erros, os quais podem ser agrupados em quatro categorias principais:

1. Má interpretação da letra de Wilde;
2. Erros de escrita, provavelmente causados pelo facto de Ross estar a ditar a um mau dactilógrafo;

mos na prisão, onde tanto o dia como a noite nos dão a liberdade de poder chorar.

É a única coisa que te pode salvar. Se te queixares a tua mãe, como fizeste em relação ao desdém que manifestei por ti na minha carta a Robbie, para que ela te adule e acalme o teu amor-próprio e a tua vaidade, então estás completamente perdido.

Se encontrares uma falsa desculpa, em breve encontrarás centenas doutras e continuarás a ser precisamente o que eras. Ainda dizes, como fizeste na tua resposta a Robbie, que te «*imputo motivos indignos*»? Ah! Tu não possuías quaisquer objectivos na vida; só tinhas meros apetites. Um objectivo é uma aspiração intelectual. Que eras «*muito novo*» quando a nossa amizade começou? O teu defeito não residiu no facto de saberes pouco da vida, mas no de saberes demasiado. Há muito deixaras já para trás o raiar da adolescência com as suas tonalidades delicadas, a sua luz clara e pura e as alegrias da inocência e da expectativa.

Passaste do Romance ao Realismo com pés muito ágeis e velozes. A valeta, e tudo o que nela vive, começaram a fascinar-te. Isso foi a origem do aborrecimento pelo qual procuraste a minha ajuda, a qual, desprezan-

3. «Melhoramentos» de Ross na gramática e sintaxe de Wilde;

4. Alterações inexplicáveis de passagens e parágrafos inteiros, do princípio ao fim da carta.

Além disto, Ross retirou ao todo mais de mil palavras, quase todas ferozmente críticas em relação a Douglas e a seu pai. A descrição de Lord Queensberry no tribunal é disso um exemplo notório.

Agora, finalmente, esta carta, a mais longa e importante das cartas de Wilde, foi impressa exactamente como ele a escreveu, exceptuado que seja o facto de a ter dividido em mais parágrafos do que a sua escassa razão de papel lhe permitia.

A carta está escrita em vinte fólhos (cada fólho tem quatro páginas) de papel azul, regulamentar da prisão, com o selo branco das Armas Reais no

do os cânones da sabedoria deste mundo, que não consideram nem a piedade nem a bondade, estupidamente te dei.

Deves ler esta carta de um só fôlego e de ponta a ponta, mesmo que cada palavra se possa tornar no fogo ou no bisturi do cirurgião, que queima ou faz sangrar a carne delicada. Lembra-te que o louco aos olhos dos deuses e o louco aos olhos dos homens é muito diferente. Aquele que ignora completamente o método das Artes na sua revolução ou os diferentes modos do pensamento no seu progresso, a pompa do verso latino ou a rica musicalidade da poesia grega, a escultura da Toscana ou a canção isabelina, pode, contudo, estar cheio de doce sabedoria. O verdadeiro louco, que os deuses desfiguram e escarnecem, é aquele que não se conhece a si próprio.

Há muito tempo fui um deles. Tu, desde há muito que o és. Não continues a sê-lo. Nada receies. O pior dos vícios é a frivolidade. Tudo o que fazemos está certo. Lembra-te também que o que é para ti desagradável de ler o é também para mim de escrever. Os Poderes Ocultos têm sido para contigo altamente magnânimos: têm permitido que vejas as formas estranhas e trágicas da Vida como se fossem sombras num cristal; permitiram que só no espelho visses a cabeça de Medusa, que

cimo de cada folha. As folhas estão numeradas pelo punho de Wilde de 1 a 18 (incluindo 3A e 5A).

A 4 de Abril de 1897, o director da prisão de Reading escreveu ao superintendente (manuscrito pertencente ao Ministério do Interior) explicando como a carta fora escrita: «Cada folha era cuidadosamente numerada antes de ser acabada, recolhida todas as noites ao fechar das celas e colocada na minha frente todas as manhãs, juntamente com os papéis habituais.»

O estudo cuidadoso do manuscrito torna difícil aceitar esta declaração; e suspeito que o major Nelson foi muito mais indulgente para com Wilde do que a sua posição oficial o permitia admitir perante os superiores. São as seguintes as bases da minha suspeita:

torna os seres vivos em pedra. Tens passeio livre entre as flores. A mim tiraram-me o belo mundo da cor e do movimento.

Começarei por dizer-te que me condeno terrivelmente. Sentado nesta cela escura, com roupas de presidiário, homem desgraçado e arruinado, censuro-me a mim próprio. Nas noites cheias de angústia, agitada e espasmódica, nos dias de dor, longos e monótonos, só para mim tenho censuras. Censuro-me por ter permitido que uma amizade não intelectual, uma amizade cujo fim primeiro não foi a criação e contemplação das coisas belas, dominasse inteiramente a minha vida. Uma lacuna demasiado grande existiu entre nós desde o princípio. Foste um preguiçoso na escola, e pior que mandrião todo o tempo da universidade. Não compreendeste que um artista, e especialmente um artista como eu, cuja qualidade das obras depende da intensificação da personalidade, requer para o desenvolvimento da sua arte a camaradagem de ideias e também uma atmosfera intelectual de calma, paz e solidão. Admiraste o meu trabalho quando terminado; gozaste o grande sucesso das minhas noites de estreia e os brilhantes banquetes que se seguiram; orgulhaste-te, o que é natural, de ser o amigo íntimo de um artista tão conhecido e admirado,

a) As folhas 1, 2 e 13 têm todo o aspecto de serem verdadeiras cópias. A caligrafia é mais ordenada, limpa e apertada do que em quaisquer outras e contém muito poucas correcções ou segundos pensamentos, ao contrário das outras dezassete folhas, que se encontram cheias de correcções;

b) Só duas das vinte folhas (exceptuando a última) acabam com uma frase completa;

c) A carta de Wilde de 1 de Abril de 1897 faz citações de várias folhas diferentes ao mesmo tempo — «de memória», diz ele —, mas a sua exactidão torna esta afirmação dificilmente crível. (*Nota de Rupert Hart-Davis, compilador e anotador do volume The letters of Oscar Wilde, Londres 1962, pp. 423 e 424.*)